

CRISTIANISMO EM ESPIRITISMO



Louis Neilmoris

LUZ ESPÍRITA

www.luzespirita.org.br

CRISTIANISMO EM ESPIRITISMO

Louis Neilmoris

Publicação original em formato digital

Distribuição gratuita via

Portal Luz Espírita

www.luzespírita.org.br

© Edição revisada em março, 2012



**CRISTIANISMO
EM
ESPIRITISMO**

Louis Neilmoris

Sumário

Prólogo – pag. 5

1 - Ismos e conceituações – pag. 7

2 - Origem e formatação da doutrina – pag. 9

3 - Construção do Cristianismo – pag. 11

4 - Os Irmãos do Caminho – pag. 14

5 - Convenção vulgar – pag. 17

6 - Cristianismo segundo a Doutrina Espírita – pag. 19

7 - Breve resposta aos contestadores – pag. 22

8 - Espiritismo é religião ou não? – pag. 28

9 – A Religião Espírita – pag. 34

10 - Kardecismo – pag. 36

11 - Epílogo – pag. 38

Prólogo

Os espíritas têm sido comumente acusados de não serem **cristãos** e, em outras tantas vezes até, de serem anticristãos. E porque a sua grande maioria de adeptos hoje é de *convertidos* — vindos do catolicismo e protestantismo —, já que o Espiritismo é, de certo modo, ainda recente, se comparada às principais religiões, a acusação pesa igualmente como traição, uma deserção dos princípios ideológicos lá atrás assumidos com outras crenças.

É um ato separatista, agressivo e insensato. Os efeitos são práticos na vida social, influenciando nas questões familiares e até no meio profissional.

Mas, para os espíritas, o que isso implica?

Bem, para os mais compenetrados na Doutrina, quase nada. É para eles uma oportunidade a mais para praticar a caridade e a compreensão.

No entanto, os noviços na Doutrina Espírita fatalmente sentirão algum remóiço íntimo, no sentido de temor em estarem migrando de uma religião ou seita cristã para uma senda nova sem uma definição bem acentuada nesse quesito. E isto é normal, pois, exceção feita a raríssimas pessoas, estamos experimentando a caminhada espírita pela primeira vez, enquanto talvez estejamos carregando vestígios instintivos acumulados em várias encarnações como católicos ou outras doutrinas. Para muitos, há ainda o medo de estarmos contrariando a Bíblia, de pecarmos, etc.

Então, para acalantar esses corações mais apreensivos, podemos dizer que o Espiritismo é uma filosofia cristã? — Respondemos que **sim**. Fiquem tranquilos que sim, inclusive, podemos nos recorrer a várias citações da Codificação Espírita, por exemplo, esta aqui, ditada por “Um Espírito Amigo”:

Coragem, amigos! Vocês têm no Cristo o seu modelo. Ele sofreu mais do que qualquer de vocês e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vocês têm de expiar o passado e de se fortalecer para o futuro. Pois, sejam pacientes, sejam cristãos. Essa palavra resume tudo.

Ø EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. IX – Item 7 “*A paciência*”.

Contudo, convidamos todos a uma reflexão mais aprofundada sobre esta questão, inclusive — como é de praxe aos verdadeiros espíritas — para fins de entendimento e justificação, pois não nos basta dizermos algo sem darmos fundamentos concretos.

Desse modo, vale a pena averiguarmos com mais acuidade o que é ser cristão, o que é o cristianismo e compararmos o modelo espírita — que ora professamos — em relação ao modo cristão dos demais ditos “cristãos”. Isso, não para sobrepujarmos a eles, mas para nosso contentamento próprio. E veremos nisso uma valorosa oportunidade para medirmos a nossa capacidade de sermos cristãos, como critério para nossa **reforma íntima**.

Aproveitaremos para palpitar sobre uma velha e polêmica discussão no meio espírita: Espiritismo, afinal, é ou não é uma religião?

Esperamos que esta obra lhe seja útil, não como apontamento para o certo e o errado, mas como subsídio para que se possa, cada qual em sua própria razão, chegar a uma opinião que lhe assegure continuar nessa caminhada evolutiva.

Louis Neilmoris

1

Ismos e conceituações

Antes de tudo, vamos buscar a conceituação de *cristianismo*, para melhor embasarmos nossa compreensão.

Cristianismo, oriundo da língua latim *christianismus*, é uma junção de *christus* e *ismo*. O primeiro termo é claramente referente ao título **Cristo** dado a **Jesus de Nazaré**; o outro (ismo) — que é um sufixo, ou seja, um aditivo —, significa *doutrina, sistema teórico, corrente filosófica*. Ao que, poderíamos assim descrever:

Cristianismo = doutrina do Cristo.

Ao contrário do que muitos pensam, **Cristo** originalmente não era o sobrenome do nazareno: era um título, que significa *o ungido, o consagrado, o escolhido* — aquele que havia sido designado por Deus a renovar a Humanidade.

Doutrina quer dizer o conjunto de ideias fundamentais a serem desenvolvidas (por não ser definitiva), propagadas (porque se julga que ela seja útil) e ensinadas (para a sua continuação).

As doutrinas surgem mediante uma ideia ou descoberta que se proponha a um plano prático de bem comum.

Cumpra-nos ainda aditar que o verbete *doutrina* aqui empregado força o entendimento para o sentido de **religião** — por isso nos vemos compelidos a analisar a questão religiosa ou não do Espiritismo, e que faremos a seguir.

Então, voltando à conceituação, deveremos entender Cristianismo como o conjunto de crenças em torno dos ensinamentos do Messias, como aliás é definido nos dicionários — por assim ficou estabelecido pela tradição. Todavia, precisamos repensar essa conceituação, pois de alguma forma, o modo tradicional simplifica e reduz o âmbito da questão, não comportando mais as tendências modernas e mudanças ocorridas nas próprias religiões.

O Espiritismo mesmo veio à tona com uma nova concepção para essa questão. Tudo é novo e revolucionário nessa nossa Doutrina frente à questão

religiosa, especialmente pelo critério da **origem e formatação doutrinária**, que trataremos no próximo capítulo.

Mas antes, para fins sistemáticos, vejamos o que nos diz dois dos principais dicionários brasileiros sobre Cristianismo:

HOUAISS ELETRÔNICO, versão monousuário 3.0, junho de 2009:

Cristianismo:

- substantivo masculino
 1. Rubrica: teologia.
religião da fé em Jesus Cristo, de sua ética e sua promessa de redenção
 2. Rubrica: teologia.
a doutrina cristã, revelada nos Evangelhos
 3. Derivação: por metonímia.
o conjunto das religiões ditas cristãs e institucionalizadas (o catolicismo, as igrejas ortodoxas, as centenas de confissões do protestantismo)
 4. Derivação: por metonímia.
cada uma dessas religiões ou o corpo de ensinamentos de cada uma.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO 7.0:

Cristianismo:

s.m. Religião cristã. &151; O cristianismo, nascido na Judeia e primeiro difundido no Oriente próximo, foi pregado no mundo mediterrâneo pelos Apóstolos, logo após a morte de Jesus. São Pedro foi o primeiro bispo de Roma, mas o verdadeiro fundador da Igreja Cristã foi São Paulo, que divulgou ativamente as novas doutrinas na Ásia Menor, na Grécia e na Itália. Depois de ter sido perseguido, o cristianismo tornou-se religião do Estado sob Constantino I (edito de Milão, 313). Na Idade Média, expandiu-se por grande número de países; mas, desde 1054, um cisma separou a Igreja bizantina e a Igreja latina. Houve também heresias, como o foram o arianismo e o iconoclasmo. No séc. XVI, o protestantismo separou-se da Igreja romana, que se esforçou, no séc. XVII, por assegurar as bases de uma reforma católica. A partir do séc. XVIII, o cristianismo teve que lutar contra a ascensão do racionalismo, elemento essencial da descristianização do mundo contemporâneo. Entretanto, o cristianismo, graças às missões, espalhou-se por todas as partes do mundo no séc. XIX, e é hoje a religião que conta com maior número de fiéis.

2

Origem e formatação da doutrina

Normalmente, o radical ao qual o sufixo *ismo* é ajuntado traz o nome do seu idealizador. Por exemplo, o **Darwinismo** é a doutrina (ismo) baseada na tese do inglês **Charles Darwin** (1809-1882) — neste caso, diz respeito à tese da evolução das espécies. Outro exemplo é o **Mesmerismo**, o sistema proposto por **Franz Anto Mesmer** (1734-1815), o médico alemão pioneiro no estudo da energia magnética das almas (base para o passe espírita). E por que não citar o **Kardecismo**?

De outra forma, o radical pode trazer um termo que ilustre a ideia centra da doutrina proposta. Este é o caso do **Comunismo** de **Karl Marx** (1818-1883) e **Friedrich Engels** (1820-1895), cujo objeto primordial dessa filosofia é a vida **comum**, no sentido da distribuição e utilização de bens e recursos. Também é o exemplo do sistema teórico criado pelo francês **Augusto Comte** (1798-1857), o **Positivismo**, visando ordenar as ciências humanas exclusivamente nas experimentações **positivas** (reais, concretas, captada pelos sentidos físicos), contra tudo que é espiritualista.

O Cristianismo se enquadra no primeiro modelo: traz na sua base linguística a referência do personagem — Jesus Cristo — idealizador da teoria doutrinária. Entretanto, precisamos considerar o critério da origem e formatação da doutrina, ou seja, de onde partiu a ideia, ou ideias, e as circunstâncias de sua regulamentação; quem determinou seus conceitos, sobre que argumentações e suas consequências.

Nem todas as doutrinas foram formatadas pelo autor da teoria central sobre a qual se desenvolveu o sistema. **Sócrates**, por exemplo, inaugurou um novo modelo de filosofia — enquanto os filósofos pré-socráticos estudavam a origem e configuração do Universo, ele propôs o foro íntimo, conhecer a si mesmo para só depois partir ao exterior —, mas foi seu discípulo **Platão** que registrou suas ideias.

Semelhante maneira, Jesus nada deixou escrito. Tudo o que sabemos de

sua vida e de sua proposta doutrinária é fundamentado nos textos bíblicos, por terceiros.

Desde já surge uma indagação pertinente: aqueles que constroem uma doutrina originária de uma ideia de outro autor são fieis àquele? O Cristianismo, tal qual se convencionou dizer, é fiel às propostas do Cristo, já que não foi o próprio Mestre quem a configurou nos moldes admitidos hoje?

Tecnicamente falando, para alguém regimentar uma doutrina alheia, com bastante eficácia, são requeridos critérios como profunda intimidade entre ambos, razoável igualdade intelectual para que a mensagem bem compreendida e disseminada, além de lisura para com o autor e para com a proposta.

E sendo essa doutrina de caráter religioso, o compromisso é mais forte, pois se as doutrinas científicas se fundamentam exclusivamente no aparato técnico, a religião é sempre enrustida do componente emotivo.

Desta feita, é imperioso perscrutarmos quem formatou o Cristianismo?

3

Construção do Cristianismo

Convencionou-se dizer que **Cristianismo** seja uma religião, monoteísta (crença num único Deus), centrada na vida e ensinamentos de Jesus Cristo, tais como foram apresentados no Novo Testamento da Bíblia. Os seus adeptos são chamados **cristãos**.

O **CATECISMO CATÓLICO**, instituído pelo Sumo Pontífice João Paulo II, em 2005, assim define:

C.95 CRISTIANISMO religião do Verbo encarnado e não “religião do livro”

§108 Todavia, a fé cristã não é uma “religião do Livro”. O Cristianismo é a religião da “Palavra” de Deus, “não de uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo”. Para que as Escrituras não permaneçam letra morta, é preciso que Cristo, Palavra eterna de Deus vivo, pelo Espírito Santo nos “abra o espírito à compreensão das Escrituras”.

Aliás, os créditos de sua formação são atribuídos à **Igreja Católica Apostólica Romana**, que se considera legítima continuadora e herdeira do ministério do Cristo na Terra. Na concepção dos católicos, o Messias fundou sua religião (o Catolicismo) e instituiu sua igreja ao ordenar o apóstolo **Pedro** como o primeiro papa, pela interpretação sobre o texto seguinte:

“Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus”.

Jesus (Mateus, 16:18 e 19)

Pedro, o líder dos apóstolos, comandou a resistência cristã pós-crucificação de Jesus. Entretanto, é certo que a espantosa propagação dessa doutrina se deu por intermédio da campanha missionária efetuada por **Paulo de Tarso**, o Apóstolo dos gentios (estrangeiros, os não judeus), que viajou evangelizando e fundando comunidades cristãs pela Grécia, Ásia e pelo vasto território do Império Romano.

A História do Cristianismo convencional — do modelo que hoje se diz que seja a doutrina do Cristo — se confunde com a História de Igreja, justamente por esta se gabar ter sido iniciada em Cristo e sustentada pelos seus

primeiros seguidores. Para ela, a Igreja, quando o **Imperador Constantino** se converteu à fé em Cristo e institucionalizou a religião, veio apenas somar, ampliar a base já formatada. Essa é a versão imposta a ferro e a fogo pelo Vaticano ao senso comum ocidental, e com certa facilidade, já o Papa detinha todo o poder político, social e educacional sobre os fieis. Os oposicionistas — ditos hereges — eram silenciados pela fogueira santa da Inquisição.

No entanto, hoje podemos facilmente apurar como foi deturpado o registro histórico da evolução do Cristianismo. Vemos o quanto o Catolicismo se diferenciou dos cristãos primitivos — então intitulados “Irmãos do Caminho”; que o nascimento da Igreja Católica se deu quando os romanos se **apoderaram** da crença daqueles judeus convertidos em Cristo, e não na continuação da cultura dos Apóstolos; que os católicos são sim a continuação da tradição romana, e, por isso mesmo, pactuantes com os três séculos de nefasta perseguição contra os cristãos primitivos.

Enfatizamos:

As raízes católicas não estão nos judeus cristãos arrebanhados pelos romanos, mas nos romanos que arrebanharam os judeus cristãos.

Os pretextos dessa anistia e convergência religiosa rodam outras praças que não a do idealismo espiritual. A prova está no modo como os gentios formataram os fundamentos da fé católica: os irmãos do caminho tinham uma abordagem de agregação, de solidariedade entre todos os povos; os romanos seguiam as tradições exclusivistas (“quem não é por nós é contra nós”).

Aqui está **Emmanuel** a nos corroborar:

A princípio, as autoridades do Império não ligaram maior importância à doutrina nascente, mas os Apóstolos ensinavam que, por Jesus Cristo, não mais poderia haver diferença entre os livres e os escravos, entre patrícios e plebeus, porque todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus. O patriciado não podia ver com bons olhos semelhantes doutrinas. Os cristãos foram acusados de feiticeiros e heréticos, iniciando-se o martirólogo com os primeiros editos de proscricção. O Estado não permitia outras associações independentes, além daquelas consideradas como cooperativas funerárias e, aproveitando essa exceção, os seguidores do Crucificado começaram os famosos movimentos das catacumbas.

A CAMINHO DA LUZ, Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier – Cap. XIV “Os primeiros cristãos”.

Aliás, o termo **católico**, vertido do grego *kathólikos* para o latim *catholicus*, significa *universal*. Porém, originalmente não no sentido de globalização, de união de povos e nações, mas pelo espírito dominador da época, de querer sobrepor ao mundo a sua ordem. Tanto que a marca da campanha expansionista da Igreja é a espada, enquanto que a máxima do Cristo é a da caridade para com os todos, inclusive para com os inimigos. Em confirmação disso, veja-se o episódio das **Cruzadas**.

Conforme nos diz a História clássica, a institucionalização da Igreja e os alicerces da teologia católica começaram a ser estabelecidos no ano de 325, a partir do **Concílio Ecumênico de Niceia**. Mas atenção ao adjetivo empregado

aqui: ecumênico diz respeito ao âmbito geral, união de crenças. Bom, então a Igreja de Roma lançou a campanha de congregação de todas as correntes religiosas? Sim, é verdade que lançou. E isto seria demasiado meritório para ela se, não havendo absoluta harmonia de opiniões, ela respeitasse a liberdade de cada qual seguir seu caminho. Todavia, não foi isso o que aconteceu.

Aos contrários, perseguição fatal; aos simpatizantes, concordata política e até sincretismo (mistura de cultos).

Os bispos de Roma, abusando do fácil entendimento com as autoridades políticas do Estado, impunham suas inovações arbitrárias, contrariando as sublimes finalidades do ensinamento d'Aquele que preconizara a humildade e o amor como os grandes caminhos da redenção.

É assim que aparecem novos dogmas, novas modalidades doutrinárias, o culto dos ídolos nas igrejas, as espetaculosas festas do culto externo, copiados quase todos os costumes da Roma anticristã.

A CAMINHO DA LUZ, Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier – Cap. XVI “A igreja de Roma”.

Ainda o Espírito Emmanuel nos conta dos esforços da espiritualidade em tentar aproveitar o ensejo de Roma na renovação da Humanidade:

Debalde tentaram as forças espirituais o aproveitamento dos romanos na direção suprema do mundo. Todos os recursos possíveis foram prodigalizados inutilmente à cidade imperial. A canalização de consideráveis riquezas materiais, possibilitando a consolidação de um Estado único no planeta, não fora esquecida, ao lado de todas as providências que se faziam necessárias, do ponto de vista moral.

Em vão, transplantara-se para Roma a extraordinária sabedoria ateniense e a colaboração de todas as experiências dos povos conquistados. Os Espíritos encarnados não conseguiram a eliminação dos laços odiosos da vaidade e da ambição, sentindo-se traídos em suas energias mais profundas, contraindo débitos penosos, perante os tribunais da Justiça Divina.

A CAMINHO DA LUZ, Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier – Cap. XV “Penosos compromissos romanos”.

Como se vê, os resultados não foram satisfatórios. Roma não fez jus à oportunidade e acabou falindo diante de Jesus — a quem transformou em um mito.

Então, a questão que se apresenta agora é: que formato é esse do que se diz por aí ser o Cristianismo?

Veremos isso adiante.

4

Os Irmãos do Caminho

Temporariamente creditando à Igreja romana os créditos sobre a religião cristã, averiguemos agora como foi a formatação do Cristianismo, de acordo com o ensino clássico.

Tudo se iniciou como uma seita dentro do **Judaísmo** — a religião do povo judeu, pioneira do monoteísmo. Por assim dizer, por ter nascido em Israel, Jesus era seguidor do Judaísmo. Reformando esta, estabeleceu uma nova doutrina — o **Evangelho**, ou seja, a **Boa Nova**. Seus seguidores inicialmente eram os seus conterrâneos e, a princípio, a ideia não era a de ruptura com o templo judaico, mas o de reforma. Era expresso que a pregação partiria dentro de casa (Israel) e em seguida os gentios (estrangeiros).

Os romanos dominavam a Palestina — bem como todo o Velho Mundo — e tinham uma cultura nos moldes gregos: politeístas e mais mitológicas do que mesmo religiosa. O César era um tanto tolerante neste quesito, de modo a conceder o culto judaico, até enquanto não conturbasse os domínios romanos.

Ocorreu que, após o martírio do Calvário, o movimento cristão passou a se expandir vertiginosamente, causando espanto e alimento certo temor a Roma de uma grande revolta social, já que a fé em Jesus ultrapassara as fronteiras geográficas. Aquele cristianismo primitivo não era mais restrito a um povo ou nação, mas a uma nova ordem comportamental, que havia sido abraçada por gente de tudo quanto é reino, classe e grau cultural.

Os Apóstolos e demais discípulos de Jesus mantinham uma base comunitária em Jerusalém e de lá coordenavam as campanhas missionárias. Esse recinto era conhecido como **Casa do Caminho** e seus partícipes eram denominados **irmãos do caminho** — chavões que atualmente os espíritas têm tomado emprestado.

O apelido **cristão** surgiu em Antioquia (atual Antakya, na Turquia). Foi lá onde o apóstolo Paulo pregou seu primeiro sermão depois do episódio à estrada de Damasco.

E sucedeu que todo um ano se reuniram naquela igreja, e ensinaram muita gente; e

em Antioquia foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.

Atos dos Apóstolos, 11:26

No romance **PAULO E ESTÊVÃO**, ditado a Chico Xavier por Emmanuel, temos uma magistral amostra de como era aquela Casa.

As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre. Era por esse motivo que a residência de Pedro, doação de vários amigos do “Caminho”, regurgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesareia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Idumeia, nos braços maternos, todos atraídos pela fama do profeta nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranquilidade aos corações mais infortunados do mundo. Natural era que nem todos se curassem, o que obrigava o velho pescador a agasalhar consigo todos os necessitados, com carinho de um pai.

PAULO E ESTÊVÃO (Emmanuel) Francisco Cândido Xavier - Cap. 3 “*Em Jerusalém*”

Votos de pobreza (simplicidade), partilha de bens (materiais e mão de obra), humildade e caridade eram as palavras de ordem daquela verdadeira igreja crista.

Aproveitamos para lembrar que **igreja** aqui significa assembleia, grupo, comunidade de pessoas simpáticas à causa do Cristo.

Pedro exercia sua autoridade de **chefe dos apóstolos** em acordo com os desígnios do Mestre galileu: procurando ser aquele que mais serviu. Em nenhum momento construiu para si um acento melhor que o dos outros — em contraste com o *modus operandi* dos papas católicos.

Não sendo perfeitos, também esses bandeirantes cristãos sofriam a influência do meio — por exemplo, do Judaísmo — e vez em quando tendiam para o exemplo dos religiosos tradicionais. Diz-nos Emmanuel quanto a isso:

É então que Jesus resolve chamar o espírito luminoso e enérgico de Paulo de Tarso ao exercício do seu ministério. Essa deliberação foi um acontecimento dos mais significativos na história do Cristianismo. As ações e as epístolas de Paulo tornam-se poderoso elemento de universalização da nova doutrina. De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu enorme prestígio, fala do Mestre, inflamando os corações. A princípio, estabelece-se entre ele e os demais Apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas sua influência providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificável dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesquecíveis de simplicidade e pureza.

A CAMINHO DA LUZ, Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier – Cap. XIV “*A Missão de Paulo*”.

A primeira grande ruptura com os costumes judaicos ficou caracterizada na deliberação sobre a **controvérsia da circuncisão**, em Jerusalém, por volta do ano 50 depois de Cristo. Aquele concílio estabeleceu que tal prática — exigência inalterável dentro da doutrina judaica — não era dogma cristão.

O segundo e definitivo passo para a independência do Cristianismo em relação ao Judaísmo foi no ano 66, quando a comunidade cristã exila-se na Transjordânia (atual Jordânia), enquanto a Cidade Santa dos judeus era arrasada.

A perseguição romana contra os valentes cristãos se deu mais fortemente desde **Nero**, a partir do ano 64 — embora fossem ilegais, por capricho daquele imperador desvairado. As investidas oficiais — aprovadas pelo Senado — foram instituídas em 112 com o **Imperador Trajano**, sendo que dentre os césares, os mais ferrenhos contra a comunidade cristã foram **Marco Aurélio, Décio, Valeriano e Diocleciano**.

Acusados — falsamente — de superstição e de crimes contra o Império, eles eram sentenciados impiedosamente à decapitação (aos que tinham cidadania romana) ou, para os demais, eram atirados às jaulas dos leões ou forçados ao trabalho escravo.

Não obstante esse enalço, os crentes em Cristo se multiplicavam incontrolavelmente e a perseverança deles conservou as tradições do Caminho até ser abarcada pelo Império Romano.

5

Convenção bulgar

Foi pelo **Édito de Milão**, no ano 313, que Constantino legalizou a religião dos cristãos. Doze anos após o imperador convoca o **Primeiro Concílio de Niceia**, ocasião pela qual se formatou os fundamentos doutrinários do Cristianismo convencional, no chamado **Credo Niceno**. Adiante, **Teodósio I** levaria a efeito o combate ao paganismo, ao mesmo tempo em que proclama o Cristianismo como religião oficial do Império Romano e proíbe o culto diferente do configurado pela Igreja de Roma.

A proposição da vez é compararmos se esse Credo condiz com o Cristo, já que se esta doutrina pretende se fundamentar no Ungido, forçosamente ela deve estar de acordo com seu idealizador.

Bem, a julgar pelas variantes e consequências desses desacordos — maculadas com muito sangue humano —, supomos esse Credo impreciso.

E se os **dogmas**, por si só, já imprimiam um pálio bastante incoerente com os ensinamentos de Jesus, a Igreja se superava cada vez mais nas abomináveis ações práticas, desde as discrepâncias entre as variadas posições de sua hierarquia até o modo como lidava com os que não professavam a mesma ideologia da Igreja de Roma. Enquanto o Messias veio unir e pacificar, o império católico era separatista e sanguinária.

Formataram a teoria vulgar do Cristianismo em desarmonia com a Boa Nova trazida por Jesus, que, aliás, preveniu-nos disso, quando da promessa de enviar à Terra o Consolador.

“Se me amam, guardem os meus mandamentos e eu rogarei a meu Pai e Ele os enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente com vocês – O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vocês, vocês o conhecerão, porque estará e permanecerá com vocês. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, os ensinará todas as coisas e os fará recordar tudo o que vos tenho dito”.

Jesus (JOÃO, 14: 15 a 17 e 26)

Conforme interpreta Allan Kardec em **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**, capítulo VI, item 4, se Jesus promete à Humanidade outro

consolador para ensinar as coisas e nos fazer recordar os seus ensinamentos é pelo fato de que estes seriam esquecidos ou falseados.

De fato, o Espiritismo vem hoje nos apresentar novas concepções acerca da mensagem evangélica do Cristo. Mas antes mesmo da Terceira Revelação — pela Doutrina Espírita —, dentro da própria Igreja brotaram insurgências determinantes. A começar pelo chamado **Grande Cisma do Oriente**, ocorrido no Século XI, pelo qual a Igreja foi dividida em duas: a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa do Oriente. Posteriormente, passados cinco séculos, veio a **Reforma Protestante**, encabeçada por **Marinho Lutero** (1483-1546).

Por conseguinte, a configuração original do Cristianismo — convencionado pelos romanos — foi fatiada e atualmente suas versões se chocam profundamente.

Logo, como podemos definir o Cristianismo concretamente?

Os católicos dizem uma coisa, os ortodoxos defendem outra versão, os evangélicos apontam para outro lado.

A alternativa mais apropriada encontrada para os enciclopedistas e dicionaristas é generalizar de tal modo a conceituação que permita reunir apenas os pontos concordes. Porém, sem pormenorizar, como permitir uma definição realista?

Assim sendo, como propor se o Espiritismo é ou não cristão?

Para passar pelo crivo católico, por exemplo, o espírita deveria percorrer uma série de ordenações sacramentais e professar seu credo (batismo, crisma, confissão, obediência à Igreja, etc.), pois para a Igreja Católica, ser cristão é cumprir sua liturgia. Não satisfazendo as exigências do Vaticano, o kardecista não é admitido cristão.

Os protestantes, intitulados atualmente de *evangélicos*, por sua vez, enfrentam dentro de seu próprio universo o dilema das cismas internas, em que cada seita, cada franquia e mesmo cada templo desenvolve sua própria cartilha. Suas ideias já foram muito mais concisas. Na verdade, o que se vê é uma revolução atrás de revolução dentro da praça evangélica, em que cada igreja molda sua crença e regimento institucional ao sabor de suas pretensões. O leitor não se surpreenda se acaso se deparar por aí com alguma *igreja espírita do reino de Deus*, vendendo água fluidificada, passes magnéticos e passagem para a travessia de uma ponte plasmada sobre o umbral.

6

Cristianismo segundo a Doutrina Espírita

E qual o formato do Cristianismo segundo o Espiritismo?

Sendo de uma nova ordem de concepções, a Doutrina Espírita precisou se servir de novos verbetes para configurar suas proposições. Assim foi que o codificador criou termos como *espiritismo*, *espírita*, *perispírito*, *mediunidade* e distinguiu *espírito* de *Espírito*. Entretanto, para não gerar mais conflitos e confusões, Allan Kardec eximiu-se de engendrar novas derivações para outros termos complexos, tais como *alma*, *religião* e *cristianismo* — se bem o poderia ter feito.

O fato é que para a Doutrina dos Espíritos *alma*, *religião*, *cristianismo* e outros vocábulos tradicionais não estão mais bem configurados para os efeitos modernos do Espiritismo. Por isso, é impossível se responder se sua filosofia é ou não uma religião apenas com um *sim* ou um *não*. É que precisaríamos discorrer sobre a acepção de *religião*, para não há mais comum acordo acerca do seu significado concreto e definitivo.

De igual maneira, para atestarmos que o Espiritismo é compatível com a Doutrina do Cristo, precisaríamos nominá-la com outro termo, uma vez que o empregado vulgarmente — *cristianismo* — não é condizente com o formato que os espíritas entendem como apropriado para se referir verdadeiramente ao modelo cristão.

Isso é importante para evitar ambiguidade. Pegue-se o exemplo do que ocorreu à época de Kardec: a série de manifestações espirituais do Século XIX desencadeou um surto de denominações filosóficas e religiosas agrupadas numa expressão comum: **Moderno Espiritualismo**, ou **Neoespiritualismo**. Ao inaugurar seus estudos acerca daqueles fenômenos, o mestre lionês cuidou de especificar o seu ramo particular com um novo rótulo, a fim de que ficasse bem definido. Foi então que o denominou *espiritismo*. E na introdução de **O LIVRO**

DOS ESPÍRITOS ele bem determina que a ciência que criara era também espiritualista, como aquelas outras doutrinas similares, mas que, especificando o gênero espírita, automaticamente demarcava um escopo bem traçado, de modo que apartava os demais espiritualistas dos espíritas:

Para designar coisas novas são necessárias palavras novas. Assim exige a boa compreensão, para evitar a confusão que ocorre as palavras têm vários sentidos. Os termos: espiritual, espiritualista, espiritualismo têm uma definição bem definida, e acrescentar a eles nova significação, para aplicá-los à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar os casos de numerosas palavras com muitos significados. De fato, o Espiritualismo é o oposto do materialismo. Aquele que acredita haver em si alguma coisa além da matéria é espiritualista. Entretanto, isso não quer dizer que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, nós usamos, para indicar a crença nos seres espirituais, os termos espírita e Espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido da raiz da palavra e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente compreensíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a significação que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – “Introdução ao estudo da Doutrina Espírita”

Voltando à questão da definição da mensagem do Cristo — para medirmos a participação do Espiritismo nessa crença —, vamos brincar de Kardec: vamos rejeitar o termo cristianismo, pois o modo como ele tem sido empregado pela tradição não figura a Boa Nova de Jesus.

A seguir, vamos denominar a doutrina cristã como **Cristonismo**. Portanto, o Cristonismo é a doutrina fundamentada no ensino do Cristo nos moldes defendidos pelos espíritas. Avançando na brincadeira, até acrescentaríamos que os seguidores dessa nossa doutrina seriam chamados de **cristonianistas**.

Em prosseguindo nossa tesa — e o mais importante —, carecemos conceituar os fundamentos do Cristonismo, ou seja, a visão espírita da mensagem do Cristo; o que é ser verdadeiramente cristão, ou Cristianista. E onde mais poderíamos buscar a definição senão no próprio idealizador dessa Boa Nova? Vamos beber da fonte de Jesus, segundo as seguintes passagens bíblicas:

Os fariseus, tendo sabido que Jesus tapara a boca aos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, propôs-lhe esta questão para tentá-lo: “Mestre, qual o mandamento maior da lei?” Ele respondeu: *“Ame o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. e aqui está o segundo, semelhante a esse: ame o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos”*.

(MATEUS, 22: 34 a 40)

“Façam aos homens tudo o que querem que eles façam a vocês, pois é nisto que consistem a lei e os profetas”.

Jesus (Idem, 7:12)

“Tratem todos os homens como gostariam que eles os tratassem”.

Jesus (LUCAS, 6:31)

E havendo qualquer dúvida interpretativa sobre estas máximas, poder-se-ia recorrer imediatamente a **O EVANGELHO SEGUNDO ESPIRITISMO**, capítulo XI - *“Amar o próximo como a si mesmo”*.

O modelo espírita lê a mensagem de Jesus sem misticismos, sem ritualismo e sem burocracia. Não mais as exigências litúrgicas e nem cultos externos. O procedimento é simples: sempre praticar a caridade para com tudo e com todos. Isto resume tudo.

Esta simplicidade passa longe do formalismo das religiões tradicionais, portanto, diferenciando-se do convencional Cristianismo.

Mas não é de nossa pretensão estabelecer novos termos. Então, esqueçamos os artifícios anteriores e passemos a concluir a peleja mediante o que se nos apresenta tal como é:

A Doutrina Espírita é sim cristã, considerando a mais pura proposta de Jesus que é a de amor a Deus e caridade ao próximo, pelos mesmos critérios que gostaríamos que fôssemos tratados por todos. Quem proceder fora dessa conceituação é que se diferencia do autêntico Cristianismo.

7

Breve resposta aos contestadores

Apenas para não sermos acusados de deixar brechas, vamos pegar um texto muito corrente na rede mundial de computadores usado para desqualificar o caráter cristão do Espiritismo, que, pela projeção feita, é para muitos quase que um documento canônico católico. Esta preciosidade copiamos do link www.universocatolico.com.br/index.php?/o-espiritismo-e-cristao.html, assinada por **Dilson Kutscher**, que, desdém nenhum, não temos qualquer referência.

Vejamos as conjecturas por partes:

ESPIRITISMO NÃO É CRISTÃO?

Escrito por Dilson Kutscher

Não, não é, finalmente um espírita autêntico proclama esta verdade em alto e bom tom: No livro “À MARGEM DO ESPIRITISMO” (FEB, 3ª edição, 1981, pág. 214), do espírita Carlos Imbassahy, lemos: “Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. **O espiritismo não é um ramo do cristianismo** como as demais seitas cristãs. Não assenta os seus princípios nas Escrituras. Não rodopia junto à Bíblia. A discussão, no terreno em que se acha, seria ótima com católicos, visto como católicos e protestantes baseiam seus ensinamentos nas escrituras. Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome espiritismo”.

Aqui está (destaque em negrito por nossa conta) a base elementar para a proposição que, segundo aqueles, garante a exclusão do Espiritismo da Doutrina do Cristo, fazendo uso do *fogo amigo*, quer dizer, uma fala de dentro do próprio Espiritismo.

É uma excelente oportunidade para lembrarmos um dos fundamentos da Doutrina Espírita que é o da generalidade. Logo, uma fala única — seja ela de Carlos Imbassahy, de Neilmoris, de Kardec, do Espírito Verdade, ou qualquer outra entidade — não representa de pronto toda a doutrina. Cada sentença ou ideia, venha de onde vier, deve ser posta a prova da razão e da comprovação, e

esta só se dá pelo caráter geral. Quando codificou o Espiritismo, Kardec teve o cuidado de analisar uma mesma questão por diversas oportunidades, submetendo-a a análise de várias entidades e por vários médiuns.

O mesmo vale para o artigo aqui trazido: tenha sido ele escrito por qualquer fiel, não podemos tomá-lo como a palavra final da Igreja Católica — a menos venha ela com o selo papal.

Então, tivesse essa obra supracitada — “**À MARGEM DO ESPIRITISMO**”, de Carlos Imbassahy — dito alguma inverdade ou incongruência, nada serviria em absoluto como um *dogma espírita*.

Porém, recoliquemos o trecho em foco, desta vez, destacando em negrito toda a oração:

No livro “À MARGEM DO ESPIRITISMO” (FEB, 3ª edição, 1981, pág. 214), do espírita Carlos Imbassahy, lemos: “Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. **O espiritismo não é um ramo do cristianismo como as demais seitas cristãs.** Não assenta os seus princípios nas Escrituras. Não rodopia junto à Bíblia. A discussão, no terreno em que se acha, seria ótima com católicos, visto como católicos e protestantes baseiam seus ensinamentos nas escrituras. Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome espiritismo”.

Vemos em definitivo que o autor espírita aditou uma condição adverbial determinante para o sentido completo de sua afirmação. Se a frase fosse “O espiritismo não é um ramo do cristianismo”, seria de fato uma sentença negativa. Mas, ao condicionar o cristianismo ao modelo das demais seitas cristãs, a frase de Imbassahy converge para o que temos dito aqui.

Além dos erros ortográficos, há uma flagrante pobreza interpretativa em Kutscher em relação à citação acima — para não levantarmos suspeitas quanto à sua má-intenção deliberada contra os espíritas — que só por isso nos convidaria a desprezarmos o restante do artigo. Contudo, continuemos...

O espiritismo nega dezenas de verdades cristãs proclamadas ao longo dos séculos:

A Bíblia: pela frase acima, vemos que a Bíblia é uma das verdades negadas pelo Espiritismo. Seus doutrinadores se referem a esta em tom jocoso ou de superioridade, cegos por seu próprio orgulho, como outros tantos do passado: Voltaire, filósofo francês, que morreu em 1778, disse que depois de 100 anos de sua morte, o Cristianismo sumiria. A circulação da Bíblia aumentou. E 50 anos depois a Sociedade Bíblica de Genebra usou a gráfica e residência de Voltaire para imprimir Bíblias!!

Nem iluministas e maçons como Voltaire, ou Kardecistas hão de conseguir reduzir o papel da Bíblia. Hoje, a Igreja divulga a Bíblia, de modo que cerca de 98% da população do globo pode ter acesso a ela. Mais que isto, é o próprio Jesus que diz: “E eu vos garanto: enquanto não passar o céu e a Terra, não passará um i ou um pontinho da Lei”. (Mt 5,18).

Quando citam a Bíblia, os espíritas chegam mesmo a fazer distorções grosseiras.

O Senhor Américo Domingos Nunes Filho, no livro “POR QUE SOU ESPÍRITA” que o diga: - Citou Mt 18,8-9 e esqueceu a última palavra do versículo: “seres lançado no inferno de fogo eterno”. - Em Gn 44,5 atribui a José o “a taça de fazer adivinhações”, quando esta, na verdade, era do faraó do Egito. - Quantas mais eu poderia citar aqui? Não precisa. A FEB já se manifestou: “O REFORMADOR” no fascículo de janeiro de 1953, na página 13, sobre a Bíblia: “Do Velho Testamento, já nos é recomendado somente o Decálogo, e do Novo Testamento apenas a moral de Jesus; já consideramos de valor secundário, ou revogado e sem valor algum, mais de 90% do texto da Bíblia”.

O autor católico põe em voga a discussão sobre o que considera como *as sagradas escrituras*, para o que convidamos o leitor que ainda tiver dúvidas sobre a posição do Espiritismo nessa questão a folhear nosso opúsculo **“A VERDADE SOBRE A BÍBLIA...”**.

Prossigamos...

Deus

No espiritismo, o papel de Deus é secundário. Reduz-se a um mero guarda de trânsito para o vai-e-vem dos espíritos, que estão “mergulhados no fluido divino”.

Para quem nega o panteísmo, AK e sua turma escorrega bastante: Espíritos “se acham mergulhados no fluido divino” (A genese, p.56)

O espírita Rangel Veloso, em seu livro “Pseudos Sábios ou Falsos Profetas”, Ed. 1947, pág. 34, assim se expressa ao declarar ter ouvido em centro espírita a concepção panteísta de Deus: “Deus é uma folha de papel, rasgadinha em milhões, bilhões e não sei quantas mais divisões. Lançados esses pedacinhos de papel no Universo, cada pedacinho de papel representa um homem e um ser existente, e todos reunidos, formando o todo, é Deus”. Este não é o Deus que nós Cristãos conhecemos ao longo de toda a história da humanidade. Não é o mesmo Deus que nos revelou através de Moisés e que disse: “Eu sou o que sou”. (Ex 3,14).

Alguém dizer ter ouvido falar...

Com todo respeito, pularemos a questão. Mas aos que tiverem bastante tempos disponível, segue o restante do apanhado.

A santíssima Trindade:

“É constrangedor o silêncio de AK a respeito da Santíssima Trindade. Fala de Jesus, embora negando sua natureza divina, e esquece o que Ele disse a respeito do “Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Em alguns trechos, parece confundir o próprio Espírito Santo com Deus-pai.

Jesus:

“Esse Jesus de Nazaré, sem dinheiro nem armas, conquistou milhões de pessoas num número muito maior que Alexandre, César, Maomé e Napoleão; sem o conhecimento e a pesquisa científica Ele despejou mais luz sobre assuntos materiais e espirituais do que todos os filósofos e cientistas reunidos; sem a eloquência aprendida nos bancos escolares, Ele pronunciou palavras de vida como nunca antes, nem depois, foram ditas e provocou resultados que o orador e o poeta não conseguem alcançar; sem Ter escrito uma única linha, Ele pôs em ação mais canetas, e forneceu temas para mais sermões, discursos, livros profundos, obras de arte e música de louvor do que todo o continente de grandes homens da Antigüidade e da atualidade” – historiador Philip Schaff. Esse mesmo Jesus não é visto como Deus no Espiritismo, é apenas mais um “espírito evoluído que continua em evolução”.

Cristo é enfático ao se revelar como Deus e assim proceder. Eis um dos motivos de sua crucificação. “Mas todo aquele que me negar diante dos outros, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus.” (Mt 10,33).

A Redenção:

“É pelo sangue de Jesus Cristo que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça que ele derramou profundamente sobre nós”, explicava São Paulo aos Efésios (1,7). Nossa redenção pela Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus é outra verdade fundamental da Fé Cristã. Nisso consiste propriamente a “boa nova” ou o “Evangelho”.

Mas nem esta verdade tão central entra no credo espírita de AK. Segundo ele cada um deve ser seu próprio redentor através do sistema de “reencarnações”. Leão Denis o enuncia cruamente quando escreve: “Não, a missão de Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. É o que os espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo.” (Cristianismo e espiritismo, p. 88).

Dai esta doutrina de AK: "Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes." (O céu e o inferno, 88).

O Perdão:

Dentro desta ótica, não há espaço no Espiritismo para o perdão. Pasmem, o perdão seria uma injustiça, pois quebraria a frieza do "olho por olho, dente por dente" que é a Lei do Karma. A lei do Karma é fatal: é ela que "explica" as injustiças e desigualdades deste mundo. Se bem que ela é também quem ajuda a mantê-la. A Índia, o país reencarnacionista, com seus mais de 700 milhões, bem demonstra tal fatalidade, com uma sociedade dividida em castas. Não é a toa que a mensagem Cristã das Irmãs da Caridade e dos Jesuítas causou tanto impacto em um ambiente desde, de povo conformado com a lei do "karma", de "se expiar" para a vida posterior. O deus no Espiritismo é um fiscal, observando a "dívida contraída que deverá ser paga".

Ora, tudo recebemos da graça de Deus. Não temos como restituí-lo totalmente. É por isto que ele abre espaço para o perdão, pois quer "que todos se salvem".

A Confissão:

A não há o devido espaço para o perdão, também não poderia haver para o seu respectivo Sacramento. No entanto: "Jesus disse-lhes de novo: "A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio". Após essas palavras, soprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados serão perdoados. A quem não perdoardes os pecados não serão perdoados". (Jo 20,21-23).

Ignoram a história da mulher adúltera, onde Jesus diz: Erguendo-se, disse para a mulher: "mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?" Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Jesus lhe disse: "Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais". (Jo 8,10-11).

Jesus perdoou com o simples arrependimento. Arrependimento que, sendo sincero, apaga a falta e abre o Cristão para uma nova vida: "não peques mais". Em nenhum momento, Cristo impõe mais condições, do tipo vamos "renegociar a sua dívida".

O Batismo:

Jesus mandou aos apóstolos ir pelo mundo inteiro, ensinar a todos tudo quanto eles ordenara, batizando a todos "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19-20), esclarecendo: "Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado" (Mc 16,16). No Brasil, os espíritas, fiéis à doutrina codificada por AK, já não batizam nem fazem batizar seus filhos. Nem teria sentido. Pois é pelas reencarnações que os homens devem alcançar a perfeição.

Os Sacramentos:

Além dos já citados (Batismo e Confissão) o Espiritismo nega todos os outros Sacramentos: Crisma, Eucaristia, Ordem e Unção dos Enfermos, só aceitando mesmo o Matrimônio. Consideram os Sacramentos como "meros ritos, formas, liturgia", ignorando que eles são graças derramadas por Deus sobre os homens, justamente porque não somos nada sem a graça divina. Sem esta, não há "religare" com Deus, pois não temos força em nós mesmos para chegarmos a tanto.

A Igreja:

Jesus disse a Pedro: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus e o que ligares na terra será ligado nos céus e o que desligares na terra será desligado nos céus". (Mt 16,18-19). Mas os espíritas não dão nenhuma importância nem a Pedro e seus sucessores, nem à Igreja que Jesus dizia "sua", nem ao poder das chaves que o Senhor Jesus entregou ao chefe do colégio apostólico.

Jesus declarou aos apóstolos: "Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou" (Lc 10,16). Para os espíritas tudo isso já está superado. Pois eles vão receber as orientações dos espíritos que baixam em seus centros. No livro "Depois da Morte" (p.80), profetiza Leão Denis: "Chegará a ocasião em que o Catolicismo, seus dogmas e práticas não serão mais do que vagas reminiscências quase apagadas da memória dos homens, como o são para nós os paganismos romanos e escandinavos". Enfim, a influência maçônica de ódio à Igreja ("a Infame", segundo Voltaire) se faz presente no Espiritismo. Nada estranho: León Hippolyte Denizart Rivail foi maçom do grau 33 junto à Grande Loja escocesa Maçônica de Paris.

Fé e Obras:

Dentro da orgulhosa doutrina espírita, a salvação virá exclusivamente pelas "boas obras" que cada um faz, "resgatando as suas dívidas".

Ora, eis o que leio em S. Tiago: "Por minhas obras te mostrarei a fé". São necessários os dois. São interligados, como teoria e prática. A respeito da fé, ainda vemos: "Quem não crer será condenado" (Mc 16,16); "Sem fé é impossível agradar a Deus" (Hb 11,6)

A Ressurreição:

Por mais que São Paulo fale que a Fé Cristã é baseada na Ressurreição, e quem sem esta seria vazia, os espíritas, a ignoram totalmente. Falam em reencarnação, trazendo à tona os paganismos, contra os quais, S. Paulo tanto lutava. Qualquer pessoa pode abrir o Novo Testamento e vê o quanto é destacada a Ressurreição. Não há porque se ampliar demais no tema.

As Aparições:

A Bíblia enumera alguns casos de aparição, onde Anjos enviados por Deus vem a Terra dar a sua colaboração no plano salvífico. Todas estas aparições que aí vemos são de iniciativa própria, única e exclusiva de Deus, mas os espíritas acreditam que elas podem ser provocadas, à total revelia do que demonstra a Bíblia. E os caos de "encarnações": espíritos invadindo corpos, simplesmente são alheios à Bíblia, o que dispensa maiores comentários. A mesma Bíblia que deixa claro: "não evocar os mortos". Não entendo como uma proibição do próprio Deus poderia ser fundamento de uma religião deste mesmo Deus!!!

O Inferno:

Não existe inferno nem demônios no Espiritismo. Há apenas espíritos atrasados que pouco podem contra nós. Mera questão de conveniência, já que a existência de um inferno eterno levaria abaixo toda a obra de Kardec. Mas como S. Mateus e S. Marcos, eram inspirados, eis que fico com estes, onde facilmente lemos: "Afastai-vos de mim, malditos, para o " fogo eterno" , preparado para o diabo e seus anjos". "Mas quem blasfemar contra o Espírito Santo jamais será perdoado, será réu de um pecado "eterno"". Deus disse: se tua mão ou o teu pé te é ocasião de pecado, corta-os e lança-os longe de ti. " É melhor para ti entrares na vida coxo ou manco, do que com dois seres lançado no inferno, " onde o verme não morre e o fogo não se apaga" . Qualquer um pode abrir a Bíblia e vê passagens como as supracitadas.

O Purgatório:

O Espiritismo distorce a idéia do purgatório Cristão, tentando vê neste o "mundo espiritual" para as purificações e reencarnações. Ora, quem está no purgatório tem o céu como destino, não a Terra ou outro Planeta.

O ser humano, gozando de seu livre arbítrio e não do determinismo kármico, tem duas opções: negar a Deus ou aceitá-lo. A primeira hipótese, o conduz ao Inferno. A Segunda, abre as portas da salvação. E o que é preciso é apenas ser fiel a Deus e à sua Santa Igreja..

Este último, que fez a opção correta pode, ao morrer, carregar consigo alguns pecados, impurezas que o mancham, e "nada de impuro entrará no céu". (Ap 21,27) Como tal, Deus não o condena, mas este há de purificar-se:

"Se a obra construída sobre o fundamento resistir, o autor receberá um prêmio, e aquele cuja a obra for consumida sofrerá o dano; ele, todavia, se salvará, mas como quem passa pelo fogo." (I Cor 3,14-15). Essa é a realidade do Purgatório.

Há, porém, como já vimos um outro fogo, " eterno preparado para o diabo e seus anjos ". Este é para quem disse Não a Deus. Um fogo bem diferente do fogo do purgatório ou do fogo de Pentecostes.

A Revelação:

Deus se revela ao homem em uma seqüência de tempo: Deus-Pai, Deus Filho-Jesus, e Espírito Santo. O primeiro se revelou no Antigo Testamento, entregando as leis a Moisés. Os dois últimos se revelam no Novo Testamento: Jesus, é revelado pelo próprio Pai: "E do céu veio uma voz que dizia: " Este é o meu Filho amado, de quem eu me agrado " ". (Mt 3,17). E é reconhecido como tal: "Então ele perguntou-lhes: "E vós, quem dizeis que eu sou?" 16 Simão Pedro respondeu: " "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" ". 17 Em resposta, Jesus disse: "" Feliz és tu, Simão " filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue quem te revelou isso, mas " o Pai que está nos céus. " (MT 16,15-17). A Terceira Pessoa da Santíssima Trindade é também revelada no Novo Testamento, só que agora por Jesus Cristo: S. João 14, 15ss "Eu Pedirei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, que estará convosco para sempre. Ele é o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê nem o conhece. Vós o

conheceis porque permanece convosco e está em vós. Não vos deixarei órfãos."

Realmente Cristo não deixaria os apóstolos e sua Igreja órfãos por 1800 anos. S. João 16, 5ss "Convém a vós que eu vá. Pois, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, eu o enviarei a vós".

"A vós" : os Apóstolos, a Igreja nascente, não um indivíduo de outro século qualquer, seja ele Maomé, Allan Kardec, Reverendo Moon, Russel, ou qualquer pretensioso da espécie.

"Mas recebereis uma força, o Espírito Santo que virá sobre vós; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra". Dizendo isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem o ocultou a seus olhos". (At 1,8-9)

"Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa em que estavam sentados. E viram, então, uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e foram pousar sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia". (At 2, 1-4)

O plano de Deus não admite lacunas: Javé – Cristo – Espírito Santo. Sem intervalos onde o homem ficaria abandonado à sua própria sorte.

Eis que paramos por aqui, mas poderíamos dar continuidade, falando de outras incomensuráveis divergências como: a criação da alma humana; recusa a união substancial entre corpo e alma; repudia os privilégios de Maria Santíssima; ignora a comunhão dos santos; não admite o pecado original; contesta a graça divina; reprova a ressurreição da carne; e desdenha o juízo final. Em uma palavra: renuncia a todo o credo cristão.

Em que consiste, pois, seu anunciado "cristianismo"? Tudo é simplesmente reduzido á aceitação de alguns princípios morais do Evangelho, tal como AK aprendera em sua juventude, no Instituto de Pestalozzi, em Yverdun, na Suíça. Instituto protestante liberal onde, baseados na "livre interpretação da Bíblia", cada um deduzisse o que bem entendesse.

-Ak : abreviatura de Allan Kardec-

Fonte: www.universocatolico.com.br/index.php?o=espiritismo-e-cristao.html

8

Espiritismo é religião ou não?

Semelhante ao que fizemos com o termo Cristianismo, repensemos o conceito de *religião* para efetivamente ponderarmos a condição proposta: se o Espiritismo é ou não é uma religião.

De antemão, exprimimos que a tese espírita é diferente de toda e qualquer outra já lançada entre os homens. A filosofia espírita é completamente distinta da filosofia clássica. O mesmo se aplica à ciência espírita.

Novamente, como manda o figurino, vamos trazer a palavra dos dicionários para pesarmos o quão religioso é o Espiritismo:

HOUAISS ELETRÔNICO

Religião

- substantivo feminino
 1. crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual se deve respeito e obediência
 2. postura intelectual e moral que resulta dessa crença
Ex.: homens ímprobos, que vivem longe da r.
 3. sistema de doutrinas, crenças e práticas rituais próprias de um grupo social, estabelecido segundo uma determinada concepção de divindade e da sua relação com o homem; fé, culto
Exs.: r. cristã
r. islâmica
 4. culto que se presta à divindade, consolidado nesse sistema
 5. observância cuidadosa e contrita dos preceitos religiosos; devoção, piedade, fervor
Ex.: viver frugalmente, dia a dia, na r.
 6. Derivação: sentido figurado.
prática, doutrina ou organização que se assemelha a uma religião
Ex.: o positivismo era a r. dos primeiros republicanos
 7. Derivação: sentido figurado.
aquilo que se considera uma obrigação moral, um dever inelutável
Ex.: o trabalho é a sua r.
 8. Derivação: sentido figurado.
conjunto de princípios morais e éticos
Ex.: não é da minha r. trair um compromisso

AURÉLIO ELETRÔNICO

Religião

s. f.

1. Culto prestado à divindade.
 2. [Por extensão] Doutrina ou crença religiosa.
 3. [Figurado] O que é considerado como um dever sagrado.
 4. Reverência, respeito.
 5. Escrúpulo.
 6. Comunidade religiosa que segue a regra do seu fundador ou reformador.
- em religião: como religioso.
religião do Estado: aquela que o governo subvenciona.

Vimos que há uma séria ambiguidade quanto ao que seja religião, impossibilitando assim que possamos assinalar facilmente a entrada ou não da Doutrina Espírita na extensa lista das religiões.

O ponto de partida para nós é definirmos o modelo, digamos, “correto” para a religião. Ou seja, o que é — ou deve ser — a religião à luz espírita. Isso fazemos a partir do estudo etimológico da própria palavra.

O Dicionário Houaiss Eletrônico data o Século XIII como o ponto mais remoto de referência ao termo que tem sua origem do idioma latim, *religare*, significando *religação*, como substantivo, e *religar*, como verbo. Como expressão mais abrangente, aponta para a *religação com o divino*. Trocando em miúdos, a religião seria uma espécie de ponte entre o indivíduo e Deus e a espiritualidade. E até mais: sendo um **religação**, ao contrário de uma simples ligação, faria o papel de resgate, de uma reaproximação entre aqueles que um dia já estiveram juntos e que ora, por uma razão qualquer, se acham afastados.

Fazendo uma apreciação teológica, conforme o Espiritismo, podemos interpretar assim: os Espíritos, sendo obras de Deus, já estiveram no seio do Criador, juntos e harmônicos com a espiritualidade superior. Na estrada evolutiva — imprescindível a todos os Espíritos —, devido suas quedas morais, as criaturas estão sujeitas a se afastarem do Pai — e nunca o contrário — e, portanto, necessitam de algo que as reaproximem d’Ele, algo que faça essa religação.

Por essa conjectura, qual o formato ideal para a religião?

Muitas versões surgiram ao longo da humanização. As seitas primitivas partiram para o culto externo, misticismo, oblação litúrgica, oferendas, sacrifícios e outras práticas até mais esdrúxulas, pelas quais o ensino moral se mistura com o folclore e cultura social.

E qual o modelo religioso deixado por Cristo, que configuraria a autêntica fé cristã?

Creemos firmemente ser exatamente a máxima que Jesus nos legou, aquele seu Mandamento aqui já transcrito, mas que vale o risco de sermos redundantes:

“Ame o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. e aqui está o segundo, semelhante a esse: ame o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos”.

(MATEUS, 22: 34 a 40)

Amor incondicional à Divindade e aos demais semelhantes: esse o Mandamento do Cristo, parâmetro para todas as medidas, salientando que não há como se religar a Deus e ao mesmo tempo se distanciar dos irmãos.

E como saberemos se estamos agindo bem para com nossos semelhantes? Também Jesus nos elucidava:

“Façam aos homens tudo o que querem que eles façam a vocês, pois é nisto que consistem a lei e os profetas”.

Jesus (Idem, 7:12)

Ao dizer que toda a lei e os profetas estão contidos nesses ensinamentos Jesus minimiza as fórmulas e preceitos judaicos de seu tempo, tal como a circuncisão, os holocaustos (veja-se o ritual bode expiatório), a lei do talião, a abstinência do trabalho aos sábados, o dízimo ao templo, etc.

Caridade com todos — com todos mesmo! —, trabalho e oração são os exemplos deixados pelo Rabi da Galileia; a oração íntima, sem intermediários, sem exterioridade, é a religação direta do indivíduo para com a espiritualidade. Esse modelo religioso não nos cobra formalidades como certidão de batismo, nem filiação a uma igreja, sinagoga ou centro espírita, nem deve seguir qualquer cerimonial. A prece do **Pai Nosso** não é uma fórmula a ser reproduzida fielmente como fosse palavras mágicas, mas é sim somente uma sugestão de como devemos orar.

A religião cristã não precisa ser instituída, regulamentada como é próprio de um departamento público ou empresa privada: nem mesmo é uma peça coletiva, ao contrário, é única e exclusivamente individual. Sou **eu** e somente eu quem faz a **minha religação** com o plano superior — conquanto ela possa compartilhar semelhanças com o modo como este ou aquele efetua a sua ligação pessoal. Ninguém além de eu mesmo pode me levar ao encontro de Deus.

— Nem Jesus?

Nem Jesus! Quando ele disse “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, quis dizer que o modelo ensinado por ele deveria ser copiado individualmente. Mas ninguém pode fazer aquilo que me compete fazer para minha sublimação.

A perfeição a que somos convidados a atingir é uma conquista particular de cada um. Se Deus privilegiasse a um só, estaria sendo injusto com os demais. E não supomos menos da Divindade que a plena sabedoria, bondade e justiça. Então, a verdadeira religião não é institucional como é a Igreja Católica, que tem hierarquia, código canônico, tribunal e registro formal. Nem

como as congregações evangélicas que ditam o que é e o que não é pecado.

A religião do Cristo não é algo físico, nem regulamentado pelos contratos típicos das organizações humanas, mas algo sim sensorial, afetivo, totalmente diferente das religiões tradicionais, que são convenientemente usadas para satisfazer outros intentos de ordem material. Com semelhantes formatações o Espiritismo não compactua e por isso não podemos considerar a religião espírita nos moldes clássicos.

Entretanto, é evidente que há religiosidade na Doutrina Espírita, uma vez que ela também nos serve como ponte em direção a Deus — aliás, a mais curta e mais segura —, inspirando-nos ao que nos sublima. Toda a ciência e filosofia espírita nos apontam para os fundamentos divinos: sabedoria, justiça e bondade. Seus conceitos nos incitam a uma moral em conformidade com a ética proposta por Jesus Cristo, e, por que a prática espírita é dessa ordem, configura-se também como uma doutrina de efeitos religiosos.

“O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdotes ou de sumo sacerdote”.

OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec – “*Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo*”.

Poderíamos discorrer sobre muitas premissas usadas contra e favorável à ideia de o Espiritismo ser religião, mas para concluir, vamos simplificar assim, conceituando o Espiritismo, valendo-nos da própria codificação kardequiana:

“O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.”

“O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que vêm dessas mesmas relações”.

O QUE É O ESPIRITISMO, Allan Kardec – “*Preâmbulo*”

Ora, o Espiritismo nasceu como uma ciência comum, cuja função é estudar as causas, efeitos e consequências da matéria de seu estudo. Entretanto, pelo fato de o objeto estudado ter vida própria, com manifestação intelectual, ser de ordem transcendental — os Espíritos, o mundo espiritual e as suas relações com a nossa dimensão terrena — e por conter uma mensagem moral, configurou-se também como uma filosofia; por essa filosofia ser de ordem moral, assentada em elementos religiosos que dão características à prática e vinculação doutrinária (fé, prece e sintonia mental), deu forma ao terceiro aspecto: religião.

“O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; sobretudo, porque mostra que essas penas e recompensas são corolários naturais da vida terrestre e, ainda, porque, no quadro que apresenta

do futuro, nada há que a razão mais exigente possa recusar”.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Conclusão, Item V

Kardec teve o cuidado de não definir sua tese como uma nova religião, pois os reflexos seriam totalmente negativos.

“Porque, então declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública. Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.”

REVISTA ESPÍRITA, Allan Kardec - Ano XI, Dezembro 1868, vol. 12,
 “Discurso de Abertura pelo Sr. Allan Kardec: o Espiritismo é uma religião?”

Também respondeu convicto, na abertura do discurso supracitado:

“Se é assim, perguntarão: então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.”

Realmente é um tanto confuso, mas porque precisamos concluir — logicamente sem pretender fechar a questão —, simplificaremos nossa posição conjecturando assim: àqueles que não admitem haver uma religião destituída das formatações convencionais (hierarquia, liturgia, cultos exteriorizados e separatismos ideológicos), então o Espiritismo nunca será uma religião. Para os que admitem que, entre tantas acepções, o vocábulo *religião* também é enriquecido com a interpretação do formato puro (de religião sensorial e afetiva), conforme a proposta kardecista, então a prática espírita se adéqua como religião.

O ideal seria mesmo que houvesse outra palavra que justamente expressasse esse nova forma religiosa. Como não há, opino particularmente que, para fins práticos, estamos mais inclinados a responder **sim** do que para *não*, porque a ideia de uma ciência filosófica é muito fria, insensível — e isto o Espiritismo não é.

Aliás, o terceiro livro de Kardec é essencialmente religioso — “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” — e expressa abertamente esse caráter, desde o primeiro capítulo, traçando até um horizonte futuro de unificação entre todas as concepções humanas, científicas, religiosas e filosóficas.

A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as leis do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se uma fosse a negação da outra, necessariamente uma delas estaria em erro e a outra com a verdade, pois Deus não pode

pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias vem apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

Chegou o tempo em que os ensinamentos do Cristo precisam ser completados; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo auxílio. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. I, item 8.

O modelo religioso espírita se distancia das religiões tradicionais na mesma proporção em que o modelo científico espírita se distancia da ciência clássica.

Com a devida licença dos que discordam, podemos dizer sim que temos uma religião — a religião espírita. Não como os modelos primitivos, mas uma nova configuração religiosa, pura, isenta de exclusivismo. Não somos o único caminho para nos religar a Deus, mas podemos nos vangloriar de esta ponte ser a mais curta e segura, dentro das convenções humanas — temporárias, diga-se de passagem.

É o que lemos no filósofo Léon Denis:

“A religião passará para os atos, para o desejo ardente do bem; o holocausto será o sacrifício de nossas paixões, o aperfeiçoamento do Espírito humano. Tal é a doutrina superior, definitiva, universal, no seio da qual serão absorvidas, como os rios pelo oceano, todas as religiões passageiras, contraditórias, causas frequentes de dissidência e dilaceração para a Humanidade.”

DEPOIS DA MORTE, Léon Denis – Cap. 1 “*As religiões: a doutrina secreta*”

Desde parágrafo é que surgiu um refrão muito propagado no meio espírita que diz **O Espiritismo não é a religião do futuro, mas o futuro das religiões.**

9

A Religião Espírita

Aos mais ortodoxos, que não aceitam em hipótese alguma o caráter religioso do Espiritismo, favor ler o capítulo presente como “A prática espírita”.

Porém, considerando então a possibilidade de uma neorreligião, ou seja, uma religião pura, que nos religue intimamente a Deus e à espiritualidade, temos de discorrer sobre a maneira prática de vivenciá-la. E para isto temos toda a coerência da codificação kardequiana, especialmente o monumental livro **“O EVANGELHOS SEGUNDO O ESPIRITISMO”** — o melhor compêndio moral de que temos conhecimento.

A questão é: caminhamos para dois séculos de Espiritismo — a Terceira Revelação — e quanto ainda há de misticismo e controvérsias no meio espírita, por culpa exclusiva do Movimento Espírita, não pelos fundamentos da própria Doutrina — que é de uma incrível consistência e clareza.

E por quê?

Pelo fato de ainda estarmos mais ou menos envolvidos com os costumes seculares das demais práticas religiosas que temos abraço ao longo de uma série de reencarnações. Também pela tentação do sincretismo cultural brasileiro, até como forma de angaria a simpatia dos que venham de outra corrente religiosa, até como pretexto de melhor “acomodá-los”, num processo de transição.

Assim é que vemos um forte igrejismo na prática espírita. Os Centros Espíritas, que deveriam lembrar mais uma escola, parecem-se mais com igrejas — são os *templos espíritas*, como se fossem um lugar sagrado, uma tenda mística de oráculos.

Como se não bastasse a confusão que se faz com os cerimoniais primitivos, sobram ainda a mescla com outras filosofias ditas similares, provindas do orientalismo e culto africano. É assim que vez ou outra nos deparamos com clichês do tipo indumentárias e paramentos — como a exigência de roupa branca —, bem como recomendações do tipo “tirar o chapéu

e descruzar as mãos e os pés para receber o passe”, ou ainda “abrir o recipiente para fluidificar a água”...

Ora, o procedimento espírita deve ser pautado numa explicação positiva, lógica, justa e produtiva. Se os fluidos atravessam paredes, logo, não há por que destampar uma garrafinha para magnetizar a água nela contida. Se alguém conhecer uma teoria plausível que justifique tal ato, que nos apresente.

Quando nas orações coletivas se aconselha para que todos fechem os olhos é para evitar distrações, para uma melhor concentração. Logo, há algo concreto nesse procedimento. No entanto, é algo a ser aconselhado e não ditado, como ordem. Não pode haver censura. Além do que, a ninguém cabe subestimar a capacidade do outro mergulhar profundamente na oração, esteja ele com os olhos abertos ou fechados, esteja sentado ou em pé, etc.

Tem também o rigor da disciplina, disciplina e disciplina...

Igualmente, circunda o meio espírita um fenômeno típico humano que é o da polaridade, de se saltar de um extremo a outro, substituindo um extremo por outro. É o que se testemunha em comportamentos como o de imergir para o campo social e desprezar a necessidade do conhecimento sob o pretexto de uma certa “humanização”, em detrimento do cientificismo frio. Isto equivale a trocar o pão espiritual pelo pão material. Neste cenário, o intelectual é quase sempre imputado como uma biblioteca ambulante, elitista e empoeirada. Vemos comumente um tanto de preconceito contra aqueles que primam pelo conhecimento.

Ah...! Há muito o que ser reformado! Mas devemos lembrar que também o Movimento Espírita caminha na senda evolutiva; que mesmo com tantas imperfeições, já tem dado grande contribuição para a neorreligião; que tem despertado muitas consciências e acendido a esperança de um porvir promissor.

10

Kardecismo

Ah, mas haverá muitos que condenarão o uso que fizemos nesta singela obra pelo termo **kardecismo**. Eis outro caloroso debate.

Não são poucos os que consideram impróprio essa referência, embora dicionários e enciclopédias tragam esse vocábulo, além de outro relativo: **kardecista** — para designar aquele que é adepto da doutrina de Allan Kardec.

Por exemplo, o Dicionário Houaiss assim redige:

Kardecismo

- substantivo masculino

Rubrica: religião.

doutrina reencarnacionista formulada por Allan Kardec (pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, escritor francês, 1804-1869), que pretende explicar, segundo uma perspectiva cristã, o movimento cíclico pelo qual um espírito retorna à existência material após a morte do antigo corpo em que habitava, o período intermediário em que se mantém desencarnado, e a evolução ou regressão de caráter moral e intelectual que experimenta na continuidade deste processo,

— Mas a doutrina não é de Kardec, é dos Espíritos! — bradam por aí.

Quanta insensatez! É certo que a fonte originária do Espiritismo é a espiritualidade — obedecendo a uma programação milenar, inclusive —, mas os créditos de sua formatação são do mestre de Lião. Além do mais, a iniciativa científica foi particularmente dele, do professor Rivail, e somente depois que as pesquisas já estavam em bom andamento é que ele recebeu a indicação da honrosa missão a que se comprometera a desempenhar — seguramente já no planejamento reencarnatório. Portanto, a origem da ciência espírita está na decisão voluntária do codificador francês em estudar os fenômenos que invadiram o mundo naquele Século XIX.

Fosse Kardec um médium e seus escritos tivessem sido psicografados por ele, diríamos que a codificação seria obra dos Espíritos. Mas não foi o que aconteceu, e o codificador nem mediunidade tinha — aliás, aqui está outra polêmica, pois é muito comum dizer-se que todos são médiuns.

A redação das obras básicas foi um trabalho de Allan Kardec. Nelas,

raras são as transcrições exatas do que os mentores espirituais disseram. E mesmo assim, nos parágrafos textuais, há o esforço do pedagogo em ordená-las com precisão.

As respostas contidas em “**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**”, por exemplo, não foram todas ditadas interinamente e copiadas literalmente. Para uma mesma questão, Kardec costumava consultar a opinião de diversos Espíritos e por vários intermediários. Para compor sua resposta, muitas vezes ele se valou de um parágrafo ditado por certa entidade e junta a outro parágrafo, frase ou expressão colhido junto a outro mentor espiritual.

Isto é o que se diz de **codificar**. Por isso ele é reputado **codificador**.

Então, intitular o Espiritismo de Kardecismo pode não ser exato, pelo critério de equivalência, mas não chega a ser um absurdo.

Todavia, o adjetivo **kardecista** costuma ser empregado junto com o próprio nome da doutrina, para enfatizar a sua procedência. Assim, diz “Espiritismo kardecista” a fim de, por exemplo, distinguir a Doutrina Espírita de outras filosofias similares — como os cultos afros.

Isto porque no Brasil o sincretismo religioso ainda é muito trivial. Iguala-se normalmente todo aquele que pratica a mediunidade ao espírita. Não raro se ouve dizer por aí “espírita umbandista”.

Além do que, devido as normais dissidências — justificáveis ou não —, já existem algumas variantes da Doutrina Espírita, infelizmente.

11

Epílogo

Como cristão, nós — os espíritas — somos convidados a sublimar o termo **Cristianismo**, bem como sublimar a **religião**, ou seja, o modo como nos reconectamos à espiritualidade.

Uma das condições elementares é o respeito absoluto ao formato alheio — embora isso não signifique concordância.

Que o rigor doutrinário, acerca do que acreditemos certo ou equivocado, seja sempre aplicado de cada um para si mesmo; para os demais, que vigora a tolerância e caridade, certos de que todos os caminhos nos levam inexoravelmente à verdade, à perfeição e, conseqüentemente, ao Pai.

Mas, levantemos a bandeira espírita sim! Propaguemos a maravilhosa e revolucionária mensagem que os Espíritos nos trouxeram pelo trabalho de Allan Kardec e que ainda continuam compartilhando conosco através dos incessantes contatos mediúnicos!

Que o Evangelho de Cristo — em toda a sua pureza — seja lembrado e posto em prática. Que o Espiritismo se dissemine cada vez mais e possa iluminar as mentes e consolar os corações desse povo sedento.

Entretanto, atentemo-nos que a Doutrina Espírita já caminha às comemorações de dois séculos de sua codificação, infelizmente, com uma pífia divulgação — quase que totalmente restrita ao Brasil — se nós levarmos em conta que, num prazo semelhante a esse, a propagação feita pelos Irmãos do Caminho foi extraordinária, tendo levado o nome de Jesus a longínquas fronteiras — só que em condições muito menos favoráveis aos recursos atuais (revista, rádio, televisão, internet).

Que cada leitor a quem este humilde texto chegue se transforme em um bandeirante espírita, abrasado pelo espírito da evangelização.

Abraço fraterno e muita luz para todos n

